



Dissonância

revista de teoria crítica

ISSN: 2594-5025

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Estadual de Campinas

www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica

Título	Introdução ao populismo de esquerda
Autor	Bernard E. Harcourt
Tradutora	Adriana P. Matos
Fonte	<i>Dissonância: Revista de Teoria Crítica</i> , v. 3 n. 2, Dossiê Theodor W. Adorno, Campinas, 2º Semestre de 2019.
Link	https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/article/view/3876

Formato de citação sugerido:

HARCOURT, Bernard E. “Introdução ao populismo de esquerda”. Trad. Adriana P. Matos. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v. 3 n. 2, Dossiê Theodor W. Adorno, Campinas, 2º Semestre de 2019, p. 354-371.

INTRODUÇÃO AO POPULISMO DE ESQUERDA

Bernard E. Harcourt¹

Tradução de Adriana P. Matos²

Em seu novo livro *For a Left Populism* (2018), Chantal Mouffe advoga em favor de uma estratégia política populista, igualitária, aberta e abrangente que poderia servir para unir todas as pessoas que têm sido marginalizadas pela hegemonia neoliberal global durante os últimos quarenta anos. Como um dispositivo discursivo e retórico, argumenta Mouffe, o populismo de esquerda poderia construir um “nós, o povo”, que abrangesse a todos, em torno de demandas não satisfeitas de todos aqueles deixados para trás e que se opõe aos poderes dominantes. Mouffe identifica elementos desse projeto populista de esquerda no discurso político de Bernie Sanders e Jean-Luc Mélançon, e na abordagem dos partidos Podemos e Syriza.

¹ Bernard E. Harcourt é Professor de Direito e Ciência Política na Universidade Columbia e Diretor do Centro para Pensamento Crítico Contemporâneo da Universidade Columbia (CCCCT).

² Doutoranda em Filosofia pela Universidade de São Paulo e pesquisadora do Núcleo Direito e Democracia do Cebrap.

Mouffe destaca repetidamente que o seu projeto político é construtivista e anti-essencialista: Mouffe não está tentando justificar um “povo verdadeiro” e não defende uma noção hostil e excludente de “povo”. Ela vê a política através da perspectiva do agonismo em lugar do antagonismo, de relações contraditórias em lugar de relações de amigo/inimigo (Mouffe 2018: 93). O seu projeto é unir aqueles que tem sido deixados para trás por meio de um discurso mais atraente de igualdade, justiça social e soberania popular.

Mouffe tenta evitar o quase-consenso da crítica do populismo ao afirmar diretamente que seu projeto é sobre prática, não teoria. Mouffe propõe uma intervenção política, não uma teoria do populismo, e ela enfatiza que não tem “intenção de entrar no debate acadêmico estéril a respeito da ‘verdadeira natureza’ do populismo” (Mouffe 2018: 9). No entanto, esses debates acadêmicos assombram o projeto na medida em que apresentam verdadeiros riscos associados com os movimentos populistas.

De maneira quase uniforme, estudiosos e comentaristas criticam o populismo. Jan-Werner Müller, em seu livro *What is Populism?* (2016), argumenta que o populismo é uma estratégia inerentemente anti-pluralista que, quando tem sucesso (invariavelmente com a colaboração de elites conservadoras mais tradicionais), desvia-se em direção à práticas excludentes e ao clientelismo de massa (Müller 2018). Nadia Urbinati, em seu artigo “Political Theory of Populism” (2019), defende que o populismo é parasitário da democracia à medida que ele explora as falhas da democracia por meio de uma lógica “nós e

eles”, mas, quando ele toma o poder, inevitavelmente empurra a noção de povo para uma direção extrema ou autoritária levando à distorção das práticas e instituições democráticas (por exemplo, o estado de direito, a separação de poderes, os pesos e contrapesos etc.). Jean Cohen, em seu artigo “What’s Wrong with Normative Theories of Left Populism?” apresentado na conferência da *Constellations* na Universidade Columbia em 30 de novembro de 2018, foca especialmente nos perigos do populismo *de esquerda*, argumentando que ele não pode evitar as armadilhas autoritárias do populismo de maneira geral.

O que fica claro nas confrontações com acadêmicos críticos do populismo, entretanto, é que o foco de Chantal Mouffe é em *como ganhar o poder*, enquanto a maioria dos críticos do populismo estão focados no estilo populista de governar *quando no poder*. Isso reflete, em alguma medida, a distinção que Urbinati faz entre o populismo como “um movimento de opinião” *versus* populismo como “um poder dominante dentro do Estado” (2019: 12).

Mas mesmo com essa distinção em mente, a reivindicação central do coro acadêmico é que um *modo* populista de ganhar o poder vai inevitavelmente *distorcer* a democracia na prática. Em outras palavras, que há uma *trajetória dependente*: pode não ser possível separar a forma como o movimento toma o poder da forma como ele exerce o poder. Existe, certamente, evidência disso. Donald Trump ascendeu ao poder em um populismo excludente de Nova Direita e tem apenas acentuado a natureza excludente de sua política no exercício da presidência – ao ponto de que agora é justo dizer que ele está alimentando uma

contrarrevolução Americana fascista, supremacista branca, ultranacionalista (Harcourt 2018). Há também evidência disso no lado da esquerda no espectro populista.

A questão para nós, então, ao ler o livro de Mouffe, é: teria ela construído uma estratégia política de um populismo igualitário e socialmente justo de modo a romper a trajetória dependente? Mais concretamente, é possível que Bernie Sanders *no poder* possa evitar os problemas do populismo realmente existente – tais como a sua tendência autoritária, clientelismo de massa, e distorção democrática? Ou Jean-Luc Mélançon? Isso aconteceu na Grécia com o Syriza? Fenômenos políticos realmente existentes são notoriamente difíceis de avaliar, então talvez teremos que recuar de volta para a teoria – mas a questão central é se uma estratégia de populismo de esquerda pode ser construída de maneira a evitar as armadilhas de experiências populistas anteriores.

Como, então, avaliamos as estratégias políticas de Mouffe quando a história do populismo é tão repleta de cadáveres? Talvez nós tenhamos que retornar aos livros de história e estudar coalizões populistas de esquerda menos espetaculares como o *Front populaire* na França (1936-38). Talvez nós devêssemos, em vez disso, projetar adiante e imaginar uma Ocasio-Cortez ou Beto em 2024. Ou talvez devêssemos retornar à descontinuidade acentuada entre práxis e teoria – que é tão central para a intervenção política de Mouffe.

I.

É possível avaliar adequadamente o apelo de Mouffe por um populismo de esquerda como uma forma de práxis crítica nesses tempos agitados onde a própria definição de “populismo” é tão contestada? Para dar a Chantal Mouffe uma leitura justa e uma audiência justa, o lugar para começar é delinear claramente e contrastar o seu uso do termo populismo, especialmente contra outros usos contemporâneos; e, então, articular o seu uso do termo “esquerda”.

Populismo

Mouffe articula uma definição restrita do que ela chama de populismo. Com base, em parte, na sua longa colaboração com Ernesto Laclau, Mouffe especifica que ela entende populismo:

Como uma estratégia discursiva de construir uma fronteira política dividindo a sociedade em dois campos e chamando pela mobilização dos “oprimidos” contra “aqueles no poder”. Não é uma ideologia e não pode ser atribuído um conteúdo programático específico. Nem é um regime político. É uma maneira de fazer política que pode tomar várias formas ideológicas de acordo tanto com o tempo quanto com o lugar, e é compatível com uma variedade de quadros institucionais (Mouffe 2018: 11).

Deixe-me destacar três dimensões da definição de “populismo” de Mouffe:

1. *Discurso*: é uma maneira de falar e de fazer política que constrói um sujeito para a ação política. Mouffe enfatiza repeti-

damente que a sua abordagem é, em suas palavras, “anti-essencialista” (2018: 10). Ela não sugere que exista um povo “verdadeiro” lá fora, mas que o populismo retoricamente constrói uma subjetividade política que pode ser chamada de “o povo”. Mouffe pretende apropriar o termo como um dispositivo retórico e político para criar um movimento nesses tempos fragmentados. A hegemonia neoliberal, argumenta Mouffe, está caindo aos pedaços. A estratégia discursiva do “mercado” está desmoronando. E há uma abertura para um novo jeito de falar e fazer política. Nós estamos em um tempo, argumenta Mouffe, no qual “surge a possibilidade de construir um novo sujeito de ação coletiva – o povo – capaz de reconfigurar uma ordem social experienciada como injusta” (2018: 11).

2. *Poder*: separa “o oprimido” daqueles “no poder”. Repare que a distinção é entre aqueles na sociedade que perderam e aqueles que tem poder. Poder é central, e é para ser entendido como algo que alguém tem, como uma posse – é para ser entendido de uma maneira pré-foucaultiana. A estrutura é similar ao modelo marxista da luta de classes, mas Mouffe enfatiza que o oprimido inclui uma gama muito mais abrangente de dominações ao longo das linhas de gênero, sexo, raça e etnia. O rótulo de “oprimido” destina-se precisamente a rejeitar o essencialismo de classe e ampliar a categoria para incluir também mulheres, minorias sexuais e pessoas trans, minorias raciais e étnicas. É um termo amplo que deveria refletir e abranger “a multiplicidade de lutas contra diferentes formas de dominação” (2018: 2).

3. *Estratégia*: propõe-se a servir como uma intervenção política e não pretende ir a uma essência do que o “populismo” significa. “Eu não tenho intenção de entrar no debate acadêmico estéril a respeito da ‘verdadeira natureza’ do populismo”, Mouffe enfatiza (9). O seu uso do termo é inteiramente estratégico e pontual. Pretende funcionar como um dispositivo político partidário nesses tempos específicos: “na conjuntura presente o populismo oferece uma estratégia adequada para recuperar e aprofundar os ideais de igualdade e soberania popular que são constitutivos de uma política democrática” (2018: 9).

Ao longo dessas dimensões, Mouffe usa estrategicamente o termo “populismo” como um dispositivo político-retórico para construir uma nova subjetividade política para aqueles que estão fora do poder em um tempo em que a hegemonia neoliberal está fragmentada.

Esquerda

Chantal Mouffe busca descartar a distinção esquerda/direita como a base de sua estratégia discursiva e substituir pela distinção, como observado acima, entre oprimidos e poderosos. Nesse sentido, o termo “esquerda” não é mais um termo cardeal para Mouffe. Ele é, em lugar disso, um termo descritivo, um qualificador, um adjetivo – destinado a capturar os valores democráticos de longa data de igualdade e soberania popular em oposição aos valores liberais consagrados de propriedade e liberdade compreendidos como individualismo possessivo. Isso representa uma virada intelectual para Mouffe, que escreve:

Quando escrevi *On the political* (2005), sugeri reviver a fronteira esquerda-direita, mas eu estou convencida agora que, como tradicionalmente configurada, tal fronteira não é mais adequada para articular uma vontade coletiva que contenha a variedade de demandas democráticas que existem hoje. [...] Tais reivindicações – a defesa do meio ambiente, as lutas contra o sexismo, racismo e outras formas de dominação – têm se tornado cada vez mais centrais. [...] [Como resultado] a dimensão “populista” não é suficiente para especificar o tipo de política exigido pela conjuntura atual. É necessário qualificar como um populismo “de esquerda” para indicar os valores que esse populismo persegue (2018: 6).

Aqui, também, eu vou destacar três dimensões do uso que Mouffe faz do termo “esquerda”:

1. *Democrático*: na forma da disputa de séculos entre liberais e democratas no sentido que os termos têm para a teoria política. O contraste que Mouffe faz aqui é, por um lado, entre a tradição do liberalismo político que sustenta os ideais do estado de direito, pesos e contrapesos, e liberdade individual, que remontam a Locke e ao conceito de individualismo possessivo de C.B. Macpherson; e, por outro lado, a tradição de governança democrática que remonta ao *demos* grego e que produziu uma variedade de modelos de democracia (representativa, constitucional, pluralista, etc.) (2018: 14). Para Mouffe, o termo “esquerda” se relaciona com essa segunda tradição democrática. É importante destacar que, para Mouffe, a tradição concorrente do liberalismo é o que levou à hegemonia neoliberal, ao domínio do mercado, e às políticas nefastas de privatização, austeridade e desregulação (2018: 11-13). Também é digno de nota que

a distinção serve para desambiguar a ideia unitária de “democracia liberal”, que Mouffe vê como confusa, paradoxal, irreconciliável e a fonte de muitos dos nossos problemas de hoje.

2. *Igualdade e justiça social*: No cerne dessa tradição de esquerda/democrática estão os valores de igualdade e soberania popular – que às vezes Mouffe se refere como “igualdade e justiça social” (2018: 6). As “ideias centrais” e a própria “gramática” da tradição democrática são esses dois valores. Ao adotar a tradição democrática, Mouffe pretende promover esses valores centrais de igualdade e justiça social: “A lógica democrática de construir um povo e defender práticas igualitárias é necessária para definir um *demos* e para subverter a tendência do discurso liberal ao universalismo abstrato” (2018: 15).

3. *O povo*: é por meio da localização do termo “esquerda” nessa tradição democrática que Mouffe pretende construir o “nós, o povo” em oposição aos especialistas, aos oligarcas, e àqueles no poder. Quando olhamos a política dessa perspectiva democrática e igualitária, então vemos a oposição fundamental como sendo entre, por um lado, aqueles que são oprimidos e reivindicam alívio político – que estão fazendo “demandas não satisfeitas” (2018: 23) – e aqueles, por outro lado, que tem o poder e o exercem como oligarcas. A ideia do “populismo de esquerda”, então, torna-se “uma estratégia discursiva de construção de uma fronteira política entre ‘o povo’ e ‘a oligarquia’, [que] constitui, na conjuntura atual, o tipo de política necessária para recuperar e aprofundar a democracia” (2018: 5).

Ao longo dessas dimensões, então, Mouffe estrategicamente usa o termo “esquerda” para contrastar a sua noção de

“o povo” daquela dos populistas de direita. Para os últimos, o “nós” do “povo” consiste em cidadãos e patriotas da nação e exclui imigrantes e minorias raciais, étnicas e sexuais. Em contraste, o “nós” do populismo de esquerda visa incluir todas as pessoas que estão fazendo reivindicações não satisfeitas contra aqueles no poder – todos aqueles que estão desafiando a oligarquia, todos aqueles que estão exprimindo demandas democráticas. Como Mouffe explica, “isso requer o estabelecimento de uma cadeia de equivalência entre as demandas dos trabalhadores, dos imigrantes e da classe média precária, bem como de outras demandas democráticas como aquelas da comunidade LGBT. O objetivo de tal cadeia é a criação de uma nova hegemonia que permitirá a radicalização da democracia” (2018: 24).

A estratégia política

O objetivo político de Chantal Mouffe é agregar um eleitorado mais amplo e abrangente, incluindo, através de uma retórica aberta e menos repreensiva, muitos populistas de direita. A estratégia é unir e confederar todos aqueles que estão expressando reivindicações democráticas contra aqueles no poder não pela adoção de perspectivas anti-imigrantes da ultradireita, mas pelo oferecimento de um discurso mais atraente e pela “orientação dessas demandas rumo a objetivos mais igualitários” (2018: 22). Mouffe enfatiza: “Eu acredito que, se uma linguagem diferente é disponibilizada, muitas pessoas podem experimentar suas situações de uma maneira diferente e se juntar à luta progressista” (2018: 22).

Por meio do uso de exemplos, Mouffe indica precisamente o tipo de política que propõe: ela se baseia no caso do partido *La France Insoumise* de Jean-Luc Mélanchon (2018: 23) e reconhece sua dívida intelectual com Mélanchon e François Ruffin (2018: 95); se refere ao partido Syriza na Grécia e ao Podemos na Espanha (2018: 20); ela também diz que Bernie Sanders exhibe claramente uma estratégia populista de esquerda (2018: 81). Esses são os tipos de movimentos políticos populares que Mouffe tem em mente.

Mouffe – e Laclau com ela anteriormente – vê o populismo como o potencial total da democracia, quase como o *telos* da democracia. É o movimento populista que realiza totalmente os valores centrais da democracia – a saber, igualdade, justiça social e soberania popular. Populismo é, para Mouffe (e Laclau), nas palavras de Nadia Urbinati, “democracia em sua melhor forma” (Urbinati 2019: 11). “Populismo”, Urbinati escreve sobre Mouffe, “é democracia em sua melhor forma, porque a vontade do povo é construída por meio da direta mobilização e consentimento do povo. Também é a política em sua melhor forma, porque emprega apenas dispositivos discursivos e a arte da persuasão” (2019: 11).

II.

A questão é, porém, como a adoção do termo “populismo de esquerda” por Mouffe responde às fortes investidas contra o populismo que caracterizam a maior parte da literatura e das pesquisas sobre o populismo – que é predominantemente nega-

tiva e usa o termo “populista” em um sentido predominantemente pejorativo. Sem dúvidas, Mouffe não está interessada em debates acadêmicos estéreis, nem em questões puramente de definição. Nem eu. Mas a questão que emerge é se essas outras críticas do populismo minam o argumento de Mouffe.

Anti-pluralismo

Jan-Werner Müller, em seu livro *What is Populism?* (2016), rejeita certas definições de populismo do senso comum de maneira a dar ao termo um sentido mais específico e único. Populismo, argumenta Müller (2019), não deve ser entendido essencialmente como uma forma de antielitismo. Ele pode ser e frequentemente é *anti-establishment*, mas não é a única forma política que se opõe ao establishment. Isso não é realmente o que caracteriza o populismo. Em lugar disso, ele escreve, “a marca característica dos populistas é que eles reivindicam que eles, e apenas eles, representam o povo (ou que populistas, muito frequentemente, se referem ao ‘verdadeiro povo’)”.

Nesse sentido, enfatiza Müller, populistas são “antipluralistas”: eles são intolerantes a outras visões, excluem os outros como ilegítimos e impedem a participação de parcelas da população por meio de políticas identitárias excludentes. A principal estratégia dos populistas é reivindicar um direito moralizado único ao povo para deslegitimar qualquer outra reivindicação e para sempre se pintar como uma maioria silenciosa enfrentando oponentes corruptos e desonestos que estariam apenas promovendo seus próprios interesses (seja em exercício ou fora). Não importa se estão vencendo ou perdendo, eles sempre

vão argumentar que “elites corruptas estavam manipulando os processos nos bastidores”.

Distorção democrática

Nadia Urbinati se preocupa com o fato de que o populismo tenha, cravadas nele, tendências que podem empurrá-lo em direção ao autoritarismo ou ao totalitarismo. A razão, Urbinati sugere, é que o populismo é mais frequentemente ligado a uma forte liderança ou, como Laclau observou, comumente toma “o nome do líder” (Laclau apud Urbinati 2019: 4). O populismo raramente envolve uma reivindicação ao autogoverno direto (embora possamos querer investigar o caso do movimento francês dos Coletes amarelos aqui). E, quando chega ao poder, é mais frequente que seja sob a liderança de uma forte figura que reforça a divisão do povo contra as instituições de governança.

Urbinati vê o populismo como parasitário da democracia – como um modo de política que explora as falhas da democracia por meio de uma lógica “nós e eles”; mas que, como tal, precisa necessariamente se transformar quando toma o poder. Essa transformação é inevitavelmente problemática, porque força a noção de povo (agora a maioria) em uma direção extrema ou autoritária. É nesse sentido que arrisca desfigurar as instituições da democracia. Como Urbinati escreve:

A análise do populismo no poder me leva a concluir que, por mais que seja uma transformação interna da democracia representativa, o populismo pode desfigurá-la, porque torna os princípios da legitimidade democrática (o povo e a maioria) posse de uma parte,

que um líder forte personifica e mobiliza contra outras partes (minorias e a oposição política). O populismo no poder é um majoritarismo extremo (2019: 4).

Em suma, Urbinati escreve:

O populismo é estruturalmente marcado por uma parcialidade radical na interpretação do povo e da maioria; isso implica que, se chega ao poder, pode ter um impacto desfigurador nas instituições, no estado de direito, na divisão dos poderes, que constituem a democracia constitucional (2019: 3).

O perigo do populismo, para Urbinati, é o que acontece quando ele prevalece e transfigura as formas constitucionais de democracia.

Urbinati tende a restringir sua análise àquilo que podemos chamar de populismo de direita – formas de populismo que, em suas palavras, “reafirmam o poder soberano da nação contra seus inimigos internos e externos, como os poucos que detém o poder, o *establishment*, o capitalismo global, a imigração ou o fundamentalismo islâmico, os fatores determinantes no sucesso atual da retórica populista” (2019: 3).

Em contraposição, Jean Cohen, em seu artigo “What’s wrong with normative theories of left populism?” apresentado na conferência da *Constellations* na Universidade Columbia, em 30 de novembro de 2018, aborda diretamente o populismo *de esquerda* e especificamente a versão de Chantal Mouffe do populismo de esquerda. Cohen argumenta que o engajamento teórico de Mouffe está em confronto com seus comprometerimentos políticos, e que os engajamentos teóricos em si (especi-

almente seu schmittianismo) são problemáticos. Em conjunto, isso eleva o espectro de que o populismo de esquerda de Mouffe simplesmente não pode evitar a armadilha autoritária.

Tendências fascistas

Embora não aborde diretamente o populismo, o livro *Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”*, de Jason Stanley (2018), atravessa esses debates e levanta alertas a respeito dos métodos populistas. Isso não é surpreendente, uma vez que, como Urbinati e Federico Finchelstein mostram, o populismo era predominantemente estudado em meados do século vinte (no trabalho de Edward Shils, por exemplo) como uma subespécie de fascismo (Urbinati 2019: 2). O novo livro de Finchelstein, *From Fascism to Populism in History* (2017) é uma leitura essencial sobre este tema.

Stanley escreve que “o sintoma mais significativo da política fascista é divisão. Ela visa separar a população em um ‘nós’ e um ‘eles’” (Stanley 2018: xvi). Certamente, Stanley nota que muitos movimentos políticos jogam com essas distinções, incluindo movimentos de esquerda e mesmo comunistas. Então, as *bases* para as distinções são mais significativas. Stanley argumenta que estratégias fascistas apelam para distinções nacionais, raciais, étnicas e religiosas. Mas note que essas são as mesmas linhas que Müller identifica como “populistas”. “O populismo”, Müller (2018) escreve, “inevitavelmente envolve uma reivindicação a um monopólio moral na representação do povo supostamente verdadeiro – e também inevitavelmente resulta em política identitária excludente”. A questão para nós

é quão longe isso pode se estender – e se pode englobar o populismo de esquerda. O argumento de Finchelstein em *From Fascism to Populism* oferece uma advertência nuançada desse aspecto.

Democracia delegativa, nepotista

Como Urbinati destaca, outro grupo de estudiosos, como Kurt Weyland, Guillermo O'Donnell e Alan Knight, associa populismo no poder como uma forma particular de governo não mediado e não institucionalizado que depende de favores nepotistas para manter controle sobre uma maioria. Weyland descreve como um “líder personalista busca ou exerce poder governamental com base em um apoio direto, não mediado, não institucionalizado, de um grande número de seguidores na maioria das vezes desorganizados” (Weyland apud Urbinati 2019: 10). O'Donnell fala do populismo no poder como “uma forma de ‘democracia delegativa’, um maquinário gigantesco de favores nepotistas com uma propaganda orquestral que atribui a dificuldade em cumprir as promessas à conspiração, internacional e doméstica, de um maquinário todo-poderoso global” (Urbinati 2019). O perigo aqui é que o populismo, uma vez no poder, não terá outra forma de manter a si mesmo que não se engajar em um clientelismo nepotista massivo.

III.

Todos esses desafios são direcionados, contudo, a regimes populistas, não a movimentos populistas. As críticas são ao

populismo *no poder*, não ao populismo *como uma estratégia política para ganhar o poder*. O fato é, no entanto, que Chantal Mouffe está tentando imbuir o populismo de esquerda com um *ethos* de igualdade, justiça social e soberania popular. Esses valores resistem inerentemente – ou propõem-se a resistir – aos perigos que os críticos identificam. Mouffe enfatiza os valores democráticos que se opõem ao autoritarismo, à ditadura e à delegação. O cerne do populismo de esquerda de Mouffe é uma forma de democracia radical – não representacional, não delegativa. Além do mais, a centralidade da justiça social se destina a abranger todas as populações marginalizadas – não a excluir minorias. É um populismo aberto, aberto até mesmo àqueles que guinam à direita.

Como, então, podemos avaliar a intervenção política de Mouffe quando a experiência do populismo é tão inquietante? Essa é a questão central do *Práxis 9/13* e destaca novamente a necessidade de abordar de modo direto a relação entre crítica e práxis – entre teoria e tática. Bem-vindos ao *Práxis 9/13*!

Recebido em 20/10/2019, aprovado em 13/03/2020 e publicado em 09/06/2020.

Original: “Introduction to Left Populism”, Praxis 13/13 blog, organizado pelo Centro para Pensamento Crítico Contemporâneo da Universidade Columbia (CCCCT). Disponível em: <http://blogs.law.columbia.edu/praxis1313/bernard-e-harcourt-introduction-to-left-populism/>

Referências bibliográficas

- FINCHELSTEIN, F. *From Fascism to Populism in History*. Oakland: University of California Press, 2017.
- HARCOURT, B. E. “How Trump Fuels the Fascist Right”. *The New York Review of Books*. 29 nov. 2018. Disponível: <https://www.nybooks.com/daily/2018/11/29/how-trump-fuels-the-fascist-right/> Acesso em 06 mai. 2020.
- MOUFFE, C. *For a Left Populism*. London: Verso, 2018.
- MÜLLER, J-W. “The Rise and Rise of Left Populism?”. *Critique & Praxis 13/13 – Critical Theory Texts / 13 Seminars at Columbia* [S.I.], 29 jan. 2019. Disponível em: <<http://blogs-law.columbia.edu/praxis1313/jan-werner-muller-the-rise-and-rise-of-populism/>>. Acesso em: 6 mai. 2020.
- _____. *What Is Populism?*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2016.
- STANLEY, Jason. *How Fascism Works: The Politics of Us and Them*. New York: Random House, 2018.
- URBINATI, N. “Political Theory of Populism”. *Critique & Praxis 13/13 – Critical Theory Texts / 13 Seminars at Columbia*, [S.I.], 29 jan. 2019. Disponível em: <<http://blogs-law.columbia.edu/praxis1313/nadia-urbinati-political-theory-of-populism/>>. Acesso em: 6 mai. 2020.